JORNAL DO COMMERCIO

Rio de Janeiro, domingo, 27 de outubro de 1963

Brasileiro ganhou o primeiro prêmio da Bienal de Paris

Elogiado pelos críticos franceses como o mais moço, o mais pessoal e o mais autêntico representante da arte brasileira — após apresentar-se na exposição «A procura de uma arte brasileira» — o escultor Sérgio Camargo acaba de tirar o primeiro prêmio na Exposição Internacional de Escultura de Paris, o único brasileiro a alcançar tão destacada posição nos meios artísticos europeus.

Sérgio agora terá que passar mais alguns meses na Europa, uma vez que já recebeu centenas de convites para apresentar seus trabalhos em Londres, Oslo, Roma, Berlim e Estocolmo. Atualmente o mundo artístico europeu não conhece outro escultor, e a prova disso é que a proprietária da maior coleção do continente, Baronesa de Vatchild, já adquiriu um dos trabalhos apresentados pelo artista brasileiro na exposição.

DIPLOMACIA E ARTE

O pai do artista Sérgio, sr. Cristovam Camargo, não tira de cima da mesa de trabalho o telegrama e a carta do filho participando sua vitória, onde superou os melhores representantes norte-americanos, franceses e italianos em escultura. E conta ao repórter:

«Meu filho Sérgio pensou primeiro em fazer o concurso para o Rio Branco. Um dia, felizmente, chegou em casa triste, de cabeça baixa. Disse-me que não iria mais continuar a estudar; que não era aquela a sua verdadeira vocação. Sentia pulsar o inconformismo e a dúvia da perfeição do artista. Pediu-me para viver pela arte, com a arte, da arte. Após, começou a preparar seus trabalhos que foram apresentados na Bienal de São Paulo».

Após tirar o primeiro lugar na Bienal de São Paulo, Sérgio Camargo solicitou ao pai, mais uma vez, que o ajudasse financeiramente na viagem que pretendia fazer. Seu objetivo era a Europa, onde, segundo afirmações do sr. Cristovam Camargo o campo para o artista era amplo e possibilitava mais a aproximação da perfeição, de si mesmo. E o artista brasileiro partiu para o sucesso.

PROFESSOR E ESCOLA

Antes, porém, após largar os estudos para a carreira diplomática, o escultor Sérgio Camargo já passava o seu tempo de folga no estúdio. Recusava-se a fazer cabeça, pois aquilo não era arte, além de ser fácil demais». Fez apenas uma: do seu pai. Estilizou, também, a esposa. Estes dois trabalhos estão na sala do apartamento do pai.

Na França, o escultor brasileiro procurou um dos melhores professôres do país, Arícoste, com quem passou três meses apenas. Antes de partir havia dito para o pai que procuraria um mestre com o objetivo apenas de adquirir técnica, pois não queria seguir a escola de ninguém, não desejava ficar preso a determinadas orientações. Queria ser livre na arte, queria seguir Sérgio Camargo, queria ser o mais autêntico representante da arte brasileira».

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

Uma dia surgiu a oportunidade tão ansiosamente esperada: estava sendo organizada uma exposição da qual se participaram artistas brasileiros. Em companhia de mais seis patrícios, participou da mostra chamada «A procura de uma arte brasileira», em Paris.

No dia seguinte da abertura da exposição, um dos mais credenciados críticos de arte de Paris escrevia que o brasileiro Sérgio era presentava exatamente a arte brasileira. Suas obras tinham algo do mistério do interior verdes do Amazonas, eram autênticas, eram pessoais, eram brasileiras».

A partir dêste dia Sérgio Camargo estava habilitado definitivamente a participar de qualquer exposição em qualquer lugar do mundo. Seu objetivo era a Exposição Internacional de Escultura de Paris.

O PRIMEIRO

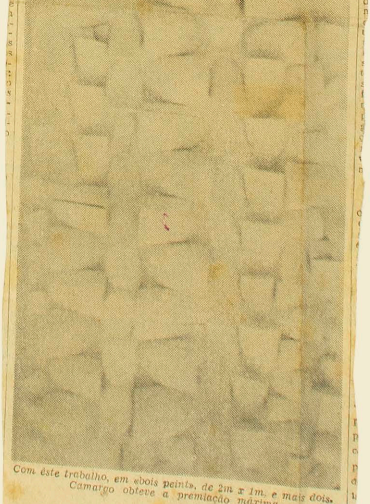
E o brasileiro foi o vencedor. Apresentou três trabalhos, um dêles já adquirido pela Baronesa de Vatchild e os outros já com fortunas oferecidas. Sua vida, segundo cartas ao seu pai, é a mais agitada possível: reuniões, inaugurações de exposições, coquetel, viagens, pedidos de trabalhos, etc. Segundo afirmou em sua última carta — onde participa com detalhes a sua vitória — a única coisa que o aborrece atualmente é a ausência do pai para comemorarem juntos o êxito nunca antes conseguido por um brasileiro.

O JURI

Nesta carta, esclarece, ainda, o artista brasileiro que a sua surpresa maior foi o fato de no júri ser a maioria composta de norte-americanos, bem como os escultores que participavam da exposição. Comentou, inclusive, que os artistas da terra do Tio Sam eram bons e, confessou, não tinha a menor esperança de vencer. No júri não havia um brasileiro, enquanto que entre os artistas figurava, ainda, Ana Letícia, que tirou um honroso prêmio.

Sérgio está na França há um ano e meio e passará provàvelmente mais um. Tem 28 anos, é casado e tem dois filhos. A maior parte de sua mocidade passou na Cidade Luz estudando três meses com o professor Arícoste e o resto sozinho. Como todos os artistas, Sérgio quer mais, e mais. Não consegue (e nem poderia) esta vitória como o pináculo de sua carreira. Seu maior desejo atualmente é voltar ao Brasil e abraçar o pai que não vê há um ano e meio, em conseqüência do seu amor a arte, à perfeição, ao belo.

«RELIET - 1963»



Com êste trabalho, em ebois peinte, de 2m x 1m., e mais dois, Camargo obteve a premiação máxima.

instituto de arte contemporânea